

Amor e Modernidade em *Hotel du Lac*

Lourdes Bernardes Gonçalves

Resumo

O pós-guerra trouxe um inevitável questionamento de valores antes considerados como referenciais fixos. A súbita e total destruição de cidades, vidas e relações familiares representa um conjunto de circunstâncias que levaram o homem a refletir sobre o fato de que tudo pode deixar de existir subitamente, até mesmo o aspecto mais material de sua vida, seu espaço físico. Essa quebra da relação de continuidade, juntamente com a convicção de que não se pode acreditar ou confiar no amanhã, fez do homem um ser cínico e imediaista. É interessante portanto observar como o discurso do amor transformou-se nessa situação de modernidade. Para tal exame escolhemos o romance *Hotel du Lac* da escritora britânica Anita Brookner, vencedor do prêmio *Booker Prize* em 1984, ano em que foi escrito o romance.

Notamos imediatamente o título. Escrito em francês, tende a sugerir para os leitores ingleses um clima de romance, naturalmente associado aos latinos. Mas logo no início se percebe que o Hotel du Lac se localiza na Suíça, terra da precisão e eficiência, e não um país associado ao amor e à sensualidade. E mais, refere-se ao período de transição entre outono e inverno, cheio de chuva e descrições cinzentas. São os primeiros indícios de que o romance não será exatamente o que se poderia esperar em termos românticos.

O macrocosmo do romance retrata a história de uma mulher de trinta e nove anos, Edith Hope, inglesa, escritora, que está por algum motivo passando uma temporada sozinha no hotel. A narrativa usa de flash-backs e, do Hotel du Lac, o leitor toma conhecimento de alguns fatos selecionados por um narrador ditatorial, até mesmo enganador, que só permite vislumbres da realidade da escritora e ainda direciona

o leitor a uma apreensão equivocada da realidade. Assim, várias alusões a um caso proibido e afirmações de que Edith está no hotel para cumprir uma pena levam-nos a crer que ela se protege de um escândalo, provavelmente envolvendo um homem casado:

“E com certeza, após uma cura nessa solidão cinzenta [...] me permitirão voltar, para reassumir minha existência pacífica, e reverter ao que eu era antes de fazer aquela coisa aparentemente horrível.”^{1 2}

Dos doze capítulos que compõem a obra, precisamos chegar ao nono para compreender que na verdade Edith fugiu porque, no dia e hora de seu casamento com um homem até agora mencionado apenas ligeiramente, ela desistiu do casamento. Esse fato é importante para a compreensão da obra como um todo, pois toda a sua estrutura está sentada na dubiedade, que parece refletir toda a incerteza, a imprecisão e mesmo a enorme hipocrisia diária em que estamos todos inseridos.

A escritora se define como romântica e, numa alusão a Esopo, afirma que escreve “para as tartarugas”, como ela, apesar de saber que o mundo é das “lebres”. Diz ao seu editor:

“Você pode notar, Harold, que nos meus livros é a garota que parece um ratinho, a tímida, que consegue o herói, enquanto que a arrogante tentadora, com quem ele tem um caso tempestuoso, retira-se surpresa da batalha, para nunca mais voltar. A tartaruga ganha sempre. Isso é uma mentira, claro. [...] Na vida real, é claro, é a lebre que vence. Sempre.”³

No hotel, Edith se defronta com poucas hóspedes, todas mulheres solitárias por uma razão ou outra. A baixa estação faz com que a vida corra pacífica, cinzenta, monótona. A Sra. Pusey ocupa com sua filha Jennifer um conjunto

¹ “And no doubt after a curative stay in this grey solitude [...] I shall be allowed back, to resume my peaceable existence, and to revert to what I was before I did that apparently dreadful thing.” (p.9)

² Esta e as demais traduções do romance foram feitas pela autora.

³ “Now you will notice, Harold, that in my books it is the mouse-like unassuming girl who gets the hero, while the scornful temptress with whom he has a stormy affair retreats from the fray, never to return. The tortoise wins every time. This is a lie, of course. [...] In real life, of course, it is the hare who wins. Every time.” (p.27)

de dois quartos e uma saleta. São habitués, e tratadas com grande consideração pelo proprietário. A primeira descrição que temos dela é através dos olhos de Edith:

“Quando ela levantou os olhos do livro novamente [...] foi para encontrar uma nota de glamour na pessoa de uma senhora de idade indeterminada, seu cabelo de um radiante louro acinzentado, unhas escarlate, seu vestido uma atraente (e cara) seda estampada [...] um sorriso de prazer em seu rosto bonito, enquanto as garçonetes, obviamente atraídas por essa presença tão positiva, voluteavam ao seu redor, oferecendo-lhes mais bolos, mais chá.”⁴

Estamos obviamente diante da descrição de uma “lebre”, uma vencedora. Sua filha, Jennifer, mais gorda, menos graciosa, já não se enquadra exatamente nessa categoria, a não ser por extensão dos encantos (e riqueza) maternos:

“...uma versão mais pálida que a mãe, ou melhor, o mesmo modelo de sua mãe, mas sem ter atingido o mesmo estado de refinado acabamento.”⁵

Monica, outra hóspede, é também descrita como uma “lebre”, principalmente devido à sua aparência meio irreal, complementada por um eterno cachorrinho que carrega nos braços:

“Tudo nela parecia exagerado: seu tamanho, o comprimento de seus extraordinários dedos, sua voz potente, seus enormes olhos cor de ostras.”⁶

Seguindo o raciocínio de Edith, tanto Mrs. Pusey como Monica deveriam ser muito felizes no campo afetivo. Porém, um exame mais detalhado mostra que o marido de Iris Pusey, agora falecido, e de quem ela fala como um eterno adorador, mandava-a constantemente para o exterior, como que comprando sua paz com isso e inúmeros cheques em branco:

“Mas tornou-se claro que o Sr. Pusey tinha sido freqüentemente deixado em casa para fazer o que quer que ele fazia enquanto Jennifer e sua mãe partiam em viagens de cura para Cadenabbia ou Lucerna ou Amalfi ou Deauville ou Menton ou Bordighera ou Estoril.”⁷

Edith, depois de alguma observação, deixa de se impressionar pela mágica da aparência e passa a perceber que a versão de extrema felicidade conjugal é na verdade uma versão “editada” da realidade, uma leitura profundamente subjetiva. Num incidente tolo, em que a senhora culpa um funcionário do hotel por algo inteiramente irrelevante, Edith percebe toda a sua fragilidade e limitação:

“Ela precisa se distanciar dos fatos até que sua fraqueza momentânea seja vista claramente como sendo *culpa de outra pessoa*, e desse modo a sombra de sua mortalidade será exorcizada. Não está acostumada ao medo. Foi protegida por tanto tempo que não pode compreender por que deveria ser vulnerável. Na verdade, não pode entender por que alguém deva ser vulnerável. Talvez seja por isso que ela é tão implacável.”⁸

Monica revela-se também uma mulher sob grande pressão, o que se percebe através de comportamentos que variam da anorexia até o comer exagerado de bolos e tortas, além de uma ansiedade constante. Com muito pouco de “lebre”, ela se encontra numa situação de extrema angústia:

“Seu nobre marido, na necessidade urgente de um herdeiro, enviou-a aqui com instruções para que ela ficasse em boas condições de funcionamento; se isso não ocorrer, Monica será dispensada e notificada para desocupar o estabelecimento de modo que Sir John possa tomar outras providências. Naturalmente, ela está deprimida. Come bolos como outros passeiam em lugares escusos. Mas está muito triste porque ela também anseia por uma criança e eu acho queela jamais terá uma. É tão bonita, tão magra, tão civilizadas. Seu pelvis parece um osso de galinha!”⁹

A ironia da linguagem burocrática mostra a insensibilidade desse marido distante e persecutório, que ela odeia e teme e que a condena à solidão e exílio.

Instala-se portanto um clima de dubiedade, tão típico da literatura moderna, onde a aparência e a realidade têm existências paralelas.

⁴ “When she next raised her eyes from her book [...] it was to find an unexpected note of glamour in the person of a lady of indetermined age, her hair radiantly ash blonde, her nails scarlet, her dress a charming (and expensive) printed silk, [...] a smile of pleasure on her pretty face, while the waitresses, obviously attracted to such a positive presence, hovered round her, offering more cake, more tea.” (p.18)

⁵ “... a rather paler version of her mother, or rather the same model as her mother but not brought to the same state of high finish.” (p.17)

⁶ “Everything about her seemed exaggerated: her height, the length of her extraordinary fingers, her carrying voice, her oyster-coloured eyes.” (p.70)

⁷ “But it became clear that Mr. Pusey had frequently been left at home to do whatever he did while Jennifer and her mother took off for restorative trips to Cadenabbia or Lucerne or Amalfi or Deauville or Menton or Bordighera or Estoril.” (p...42)

⁸ “She must distance it until her momentary weakness is clearly seen as being *someone else's fault*, and in that way the shadow of her mortality will be exorcised. She is not used to fear. She has been protected for so long that she cannot understand why she should be vulnerable. In fact she cannot understand why anybody should be vulnerable. That may be why she is so ruthless. (p.144)

⁹ “Her noble husband, in urgent need of an heir, has dispatched her here with instructions to get herself into working order; should this not come to pass, Monica will be given her cards and told to vacate the premises so that Sir John can make alternative arrangements. Naturally, she sulks. She eats cakes as others might go slumming. But she is very sad because she too longs for a child and I don't think she will ever have one. She is so beautiful, so thin, so over-bred. Her pelvis is like a wishbone!” (p.80)

Uma conferência perto do hotel traz à cena Philip Neville, inglês, empresário, de aproximadamente cinquenta anos. Mesmo tendo uma relação superficial com Edith, questiona alguns elementos fundamentais do credo de vida da escritora. Afirma:

“Arrisco-me a dizer que você está apaixonada. [...] É um grande erro [...] confundir felicidade com uma situação em particular ou uma pessoa em particular. Desde que me livrei dessas coisas, descobri o segredo do contentamento.”¹⁰

“Você ainda não aprendeu que harmonia completa entre duas pessoas não existe, por mais que elas afirmem seu amor um pelo outro? Não se deu conta de quanto tempo e especulação são gastos, quanta agonia mitológica sem fim acontece, simplesmente porque elas estão fora de fase?”¹¹

Essa visão cínica não agrada Edith, que afirma não poder viver sem amor, por menos satisfatório que ele seja:

“Não posso viver *bem* sem ele. Não posso pensar ou agir ou falar ou escrever ou até sonhar com qualquer energia na ausência do amor. Sinto-me excluída do mundo dos vivos.”¹²

Nota-se nos dois posicionamentos a presença da modernidade. A tendência intimista da literatura contemporânea que, podemos até afirmar, a aproxima do Romantismo, enquanto ênfase à subjetividade e introspecção, leva-nos à conclusão de que toda a busca da realização deve ser centrada no próprio *eu*. Assim, Philip Neville declara *se bastar* para um tipo de vida que o *contente*. Vemos, por outro lado, que Edith se apega ao amor, identificando-o como uma necessidade inerente do ser humano. Apesar de admitir que o processo de colocar suas expectativas sob a guarda do outro a deixa profundamente vulnerável, prefere essa alternativa a se salvar do sofrimento em troca de uma vida segura mas vegetativa. É o caso do relacionamento entre ela e David, um homem casado que a faz viver na vizinhança de

um telefone que nunca toca, assumindo um papel secundário, triste, destrutivo. E Neville chega ao âmago do problema quando lhe diz:

“Você não precisa de mais amor. Você precisa de menos. O amor não lhe fez muito bem, Edith. O amor tornou-a cheia de segredos, introvertida, talvez desonesta?”¹³

Por fim Neville oferece-lhe casamento, numa proposta fria e racional, visualizando uma situação que os poria a salvo das emoções e decepções, e até mesmo da chance de cair no ridículo. E argumenta bem o seu caso. De alguma maneira identifica-se com Edith na sua rejeição às “lebres”. Referindo-se aos homens que escolhem esse tipo de mulher, afirma:

“Eles sentem que estão perdendo alguma coisa se conseguem algo que seja menos do que arriscado e fantástico; gostam do perigo desse tipo de ligação. Gostam do sentimento de que tiveram de lutar com outros pela posse. Isso é o que conta, na verdade. Derrubar os outros homens. É só quando aqueles outros homens se levantam e começam a lutar pela posse de novo que eles se dão conta de quão frágil, quão frágil, quão *cansativo*, esse tipo particular de sociedade é.”¹⁴

Neville oferecia um contrato em que ambos teriam vantagens:

“Estou lhe fazendo o cumprimento de admitir que você sabe a diferença entre flerte e fidelidade. Estou lhe fazendo o cumprimento de admitir que você nunca irá se permitir o tipo de indisciplina que leva um homem ao descrédito. Estou lhe fazendo o cumprimento de acreditar que você não me envergonhará, não me ridicularizará, *não me magoará*.”¹⁵

E ainda acrescenta:

“Se você quiser ter um amante, isso é problema seu, contanto que você organize as coisas de modo civilizado.”¹⁶

¹⁰ “I dare say you are in love.[...] It is a great mistake [...] to confuse happiness with one particular situation, one particular person. Since I freed myself from all that I have discovered the secret of contentment.” (p.94).

¹¹ “Haven’t you learned that there is no such thing as complete harmony between two people, however much they profess to love one another? Haven’t you realised how much time and speculation are wasted, how much endless mythological agonizing goes on, simply because they are out of phase?” (p.95)

¹² “I cannot live *well* without it. I cannot think or act or speak or write or even dream with any kind of energy in the absence of love. I feel excluded from the living world.” (p.98)

¹³ “You do not need more love. You need less. Love has not done you much good, Edith. Love has made you secretive, self-effacing, perhaps dishonest?” (p. 100)

¹⁴ “They feel they are missing out if they get anything that is less than tricky and fantastic; they like the danger of that sort of attachment. They like the feeling that they have to fight other men for possession. That is what it is all about, really. Knocking other men down. It is only when those other men get up and start fighting for possession all over again that they realise how fragile, how *tiring*, that particular kind of partnership is.

¹⁵ “I am paying you the compliment of assuming that you know the difference between flirtation and fidelity. I am paying you the compliment of assuming that you will never indulge in the sort of gossipy indiscretions that so discredit a man. I am paying you the compliment of believing that you will not shame me, will not ridicule me, *will not hurt my feelings*.” (p.166)

¹⁶ “If you wish to take a lover, that is your concern, so long as you arrange it in a civilised manner.” (p.167)

Admite em seguida que o mesmo se aplicaria a ele. Apesar desse tipo de acordo não ser do gosto de Edith, ela fica tentada a aceitar. Escreve mais uma carta a David, mais uma das muitas que ela escreve e - ficamos sabendo no último capítulo - nunca envia. Declara seu amor eterno a ele e participa que vai se casar com Philip Neville e nunca mais o verá. A descrição, na carta, do relacionamento patético, da espera constante e fiel, é importante devido ao desfecho do romance:

“Eu vivia para você. No entanto, com que frequência eu o via? Talvez uma vez por mês? Mais, se fosse acidentalmente. Às vezes menos, se você estivesse muito ocupado.”¹⁷

Essa carta ele realmente tem intenção de enviar. Sai do quarto bem cedo de manhã com o propósito de entregá-la na recepção. Entretanto, quando chega ao corredor, percebe Neville saindo sorrateiramente do quarto de Jennifer. A vulgaridade do ato em si a choca, apesar de ele não ter infringido nenhuma “cláusula” do contrato proposto. Compreende que ela teria simplesmente a função suprir uma lacuna: a deixada pela ex-mulher que o abandonou. Nota então que, aceitando a proposta de casamento, estaria trocando o pouco por nada:

“Mas talvez seja isso que ele quisesse; que eu substituísse o item que estava faltando. E para mim, aqueles prazeres que são levemente chamados de físicos, permaneceriam onde eles estiveram já faz um longo tempo, agora. Tão longo que se torna-

ram a minha existência. E eu perderia a única vida que eu sempre quis, mesmo que nunca tenha sido minha, a ponto de poder chamá-la assim.”¹⁸

Edith rasga a carta, reserva sua passagem de volta a Londres e redige um telegrama a David, “Estou voltando para casa”, logo depois alterando-o para simplesmente “Estou voltando.”

Alguns pontos devem ser salientados nesse breve exame. O amor continua sendo uma preocupação central na vida do homem contemporâneo. Porém, não é mais encarado como uma fonte de felicidade e realização, mas algo imperfeito, que traz sofrimentos e decepções, mas que é inerente ao homem. Alguns optam por uma vida sem emoções, mas claramente como uma fuga de uma experiência ruim. A alteração no texto do telegrama, que é a última linha do romance, sugere que Edith não reconhece sua casa como verdadeiro lar. Talvez esse seja o primeiro passo de uma pessoa mais independente, que pode se submeter a algumas provações, mas também pode reagir e se afirmar. Toma consciência de que a capacidade de se realizar depende principalmente dela, e dela deve partir a determinação do melhor caminho a seguir, e de como ir em busca de seu quinhão de felicidade.

BIBLIOGRAFIA

BROOKNER, Anita. *Hotel du Lac*. Granada Publishing Ltd. London, 1985.

¹⁷ “I lived for you. Yet how often did I see you? Perhaps twice a month? More, if we met by accident. Sometimes less, if you were too busy.” (p.180)

¹⁸ “But perhaps that is what he intended, she thought; that I should replace the item that was missing. And for me, those pleasures which are lightly called physical would remain where they have been for so long now, so long for me that they have become my lifetime. And I should lose the only life that I have ever wanted, even though it was never mine to call my own.” (p.184).